ISSN: 2358-8829

ALÉM DA COR: RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Clara Vitória Cardozo Santos[1]

Elipaula Marques da Cruz Carvalho[2]

Simone Santana Damasceno de Carvalho[3]

RESUMO

O presente estudo consiste em um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, em uma escola pública do município de Sapeaçu-BA. A proposta partiu do reconhecimento de que a Educação Infantil é uma etapa fundamental para a construção da identidade, da autoestima e do respeito à diversidade. Assim, foi elaborado o projeto "Além da Cor: Promovendo as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil", com o objetivo de valorizar as relações étnico-raciais por meio de práticas pedagógicas lúdicas e significativas. A proposta fundamentou-se nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena na Educação Básica, reafirmando a Educação para as Relações Étnico-Raciais como princípio formativo. A intervenção foi realizada com 17 crianças do Grupo 4 (G4), utilizando contação de histórias, rodas de conversa, músicas, desenhos, pinturas e brincadeiras voltadas ao reconhecimento e à valorização da diversidade étnico-racial. As atividades estimularam a participação das crianças, favorecendo a expressão de sentimentos, o diálogo, o respeito às diferenças e reflexões sobre identidade e pertencimento. Os resultados evidenciaram contribuições para o fortalecimento da autoestima, da identidade e do sentimento de pertencimento, além do desenvolvimento de atitudes de empatia, respeito e valorização da diversidade. Conclui-se que práticas pedagógicas intencionais voltadas à Educação para as Relações Étnico-Raciais, desde a Educação Infantil, contribuem para a formação integral das crianças e para a construção de uma sociedade mais inclusiva, equitativa e democrática.

Palavras-chave: Educação infantil, Relações raciais, Diversidade, Identidade.

INTRODUÇÃO

O relato de experiência do Estágio Supervisionado I, realizado durante os meses de abril e maio de 2025, trouxe reflexões e perspectivas sobre a experiência vivenciada na sala de aula,

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Maria Milza – UNIMAM, claracardozo07s@outlook.com;
[2] Professora Ms. do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Maria Milza – UNIMA , elpx@hotmail.com;
[3] Professora Ms. do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Maria Milza – UNIMAM, ssdcarvalho2011@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

para a formação acadêmica da estagiária. O estágio foi realizado em uma escola da rede pública, do município de Sapeaçu – BA, que atende alunos do G1 (grupo 1) ao G5 (grupo 5).

Este relato tem por objetivo, abordar os desafios e concepções com base no que foi vivenciado na sala de aula durante o período de estágio, de modo que pode ser estabelecido o paralelo entre teoria e prática, considerando que a escola desempenha um papel fundamental na transmissão de diferentes conhecimentos aos educandos, e é de extrema importância que também sejam trabalhadas, no ambiente escolar, questões relacionadas às relações étnico-raciais, à valorização da diversidade e ao respeito às diferenças.

As atividades foram desenvolvidas em uma turma do G5 (grupo 5), composta por dezessete alunos da Educação Infantil, buscando apresentar as crianças vivências e reflexões sobre as relações raciais, autoestima, identidade, diversidade e respeito, de forma lúdica e adaptada para a faixa etária e realidade dos discentes.

Durante a etapa de observação, busquei interagir com a professora regente, as auxiliares de classe e também com os alunos, participando de comemorações da escola, como Dia do Livro, Dia dos Povos Indígenas e preparação para o Dia das Mães, para que houvesse uma familiarização com todos da classe, para que o período de intervenção ocorresse de forma mais leve e participativa.

Durante a intervenção, foram realizadas treze oficinas e atividades com as crianças, que revelaram um resultado positivo para a formação e experiência discente.

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO

A prática docente dentro do estágio, trata-se de uma fase que visa desenvolver as habilidades antes ensinadas na sala de aula; a teoria e a prática são etapas essenciais na graduação, entretanto, a prática é uma maneira para que o discente compreenda a realidade da prática, se aperfeiçoem, entendam e questionem a diferença entre o que se aprende na sala de aula e o que é vivenciado.

Segundo Pimenta e Lima (2006):

> A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. (PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena, 2006, p.14)

ISSN: 2358-8829

Neste sentido, o estágio abre um leque de possibilidades para a transição entre teoria e prática, além de ser o espaço ideal para troca e absorção de conhecimento. Principalmente quando neste espaço, encontra-se profissionais como a professora regente, que se mostrou acolhedora, atenciosa e disposta a compartilhar seus conhecimentos e que abriu espaço para a realização das intervenções planejadas, dando todo o apoio necessário durante as atividades.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A fim de escrever a experiência vivenciada junto aos alunos da Educação Infantil, o qual se fundamenta em construir, desde os primeiros anos, uma educação voltada para o respeito e a valorização das diferenças, que conforme aponta Gorman (2016), destaca que "a educação antirracista capacita crianças e jovens a se engajarem em um mundo cada vez mais diversificado e globalizado, onde as pessoas podem ser unidas por sua humanidade comum e aprimoradas por sua diversidade" (GORMAN, 2016, p.1).

Sendo assim, a metodologia da referida experiência é de abordagem qualitativa descritiva, que conforme Triviños (1987), permite ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema.

Foram realizadas oficinas com as crianças, utilizando como forma de registro, fotos e anotações, onde elas desenvolvem atividades como rodas de conversa, contações de histórias relacionadas à identidade, como por exemplo "Cabelo com Jeito Diferente" e "Cada um Com Seu Jeito, Cada Jeito é de Um!"; brincadeiras, como "Terra e Mar", jogo da memória com imagens de pessoas de diferentes raças, pinturas e dinâmicas como a "dinâmica do reflexo", valorizando as características físicas e culturais e o reconhecimento da própria identidade.

Neste sentido, foi possível elaborar e executar, junto aos alunos da Educação Infantil, a contação de histórias, rodas de conversas, músicas, pinturas e brincadeiras tradicionais, promovendo a interdisciplinaridade e a ludicidade como meios de aprendizagem. Todas elas, voltadas para o contexto da educação antirracista, como uma maneira de valorizar a diversidade racial e fortalecimento da identidade da criança de forma positiva, durante treze dias.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. LEGISLAÇÃO BRASILEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR DIVERSIDADE RACIAL DESDE A INFÂNCIA

ISSN: 2358-8829

O Brasil, possui em sua legislação um grande conjunto de marcos normativos que defendem e incentivam a inclusão e continuidade dos ensinos sobre diversidade racial dentro da sala de aula, tornando-se assim, uma grande aliada para a educação. O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 afirma que "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (p.132).

Para a BNCC, durante a Educação Infantil, as escolas "têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens" (p. 34), além de estarem totalmente vinculadas ao ato de educar e cuidar.

Sabe-se que a infância é a principal fase para que as crianças desenvolvam sua percepção de mundo e sobre as pessoas ao seu redor, além de ser fundamental que elas sejam ensinadas sobre a diversidade, para que futuramente se tornem cidadãos conscientes e empáticos. Para a LDB, artigo 29, a Educação Infantil tem como finalidade "o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (p. 26) ".

É na Educação Infantil que se pode acessar a reflexão sobre diversidade, além de ser uma forma de desenvolver nas mesmas a solidariedade, empatia e respeito, e também é o espaço para acolher, no âmbito escolar, as diferenças que existem na sociedade. Gonçalves (1985) afirma que:

> Educar criança negra pressupõe, entre outras coisas já analisadas, quebrar o silêncio que a cerca. Tarefa difícil, à medida que o silêncio se manifesta como ritual pedagógico e como tal impõe-se a todos os membros da escola, sem exceção, embora o ato de "silenciar" tenha para cada um, significados diferentes (GONÇALVES. 1985, p.318).

Nesse sentido, "romper com o silêncio" apontado pelo autor, implica reconhecer a importância de uma prática educativa que não ignore as diferenças presentes no ambiente escolar, possibilitando que as crianças tenham contato com histórias e culturas que valorizem a população negra, a escola contribui para a construção de uma identidade positiva e para o fortalecimento da autoestima da criança negra. Torna-se necessário pensar também em ações e políticas educacionais que assegurem a presença dessas temáticas no espaço escolar.

ISSN: 2358-8829

A partir do ano de 2003, foi criada a lei 10.639, que torna obrigatório o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira nas escolas de educação fundamental e média, mais tarde, no ano de 2008 foi criada a lei 11.645, que torna também obrigatório o ensino sobre a história e a cultura dos povos indígenas. Ambas as leis buscam garantir e promover a inclusão de tais conteúdos em sala de aula, como também, servem de tentativa de combater o racismo e o preconceito.

Deste modo, é possível abordar temas relacionados às relações étnico raciais, para ampliarmos o pensamento crítico dos educandos, sua visão sobre o mundo e abrindo espaço para questionamentos sociais e também passam a refletir sobre a desigualdade racial que há na sociedade e reforça o papel da educação como uma transformadora social.

2. A IDENTIDADE RACIAL DAS CRIANÇAS: ALÉM DA COR

A infância é o período em que as crianças desenvolvem a percepção sobre o mundo e sobre si. Consequentemente é quando elas desenvolvem sua identidade, englobando pontos como seu nome, seu corpo, a cor da pele, seu cabelo, seu gênero, seus gostos, a cultura da sua família, de onde elas são, como elas se veem e como as pessoas ao seu redor a veem (Viana e Viana, 2023).

Desse modo, a identidade racial também faz parte de todo esse processo. Entretanto, a identidade racial vai muito além da cor, (Munanga, 1994) essa por sua vez também está relacionada a questões como histórias, memórias, afeto, autoestima, cultura, pertencimento e reconhecimento pessoal.

O Brasil é um país que possui um passado escravocrata, (Ferro, 1983) Colonizados por Portugal, um país europeu, os povos indígenas, juntamente com os povos africanos que foram tirados coativamente de sua terra, viveram mais de trezentos anos de escravidão, os quais foram retirados seus nomes, culturas, religiões e entre outras coisas a identidade de milhões de pessoas.

Munanga (1994) afirma que:

> A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178)

ISSN: 2358-8829

Apesar de abolida, a escravidão, ainda há marcas na sociedade, como por exemplo o racismo estrutural, que segundo Gonzaga et al. (2024), é uma realidade viva e intensa, podendo ser notado em questões como o desfavorecimento de pessoas negras e indígenas no mercado de trabalho, a criminalização de indivíduos negros e até mesmo o tratamento desigual para com crianças negras nas escolas.

Além do tratamento desigual, o racismo estrutural na sala de aula também pode ser contemplado diante a ausência de material didático que possua diversidade racial, distorção da história dos povos negros e indígenas, negligência dos professores perante comentários ofensivos ou piadas racistas. Ademais, a falta de formação para professores, que, segundo Ferreira (2011, p.197) é um "fator determinante na construção de uma nova mentalidade no processo educativo que leve em consideração o reconhecimento e a valorização do legado cultural dos povos africanos e seus descendentes", de modo que estes saibam como trabalhar e como se posicionar sobre o conteúdo em questão.

Para Hooks (2013):

> Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. (BELL HOOKS, 2013, p. 51).

Para que haja a evolução da educação étnico-racial, muitos pontos precisam ser trabalhados, como por exemplo investir em materiais pedagógicos que inclua todos os alunos, (fazendo valer até as cores dos bonecos, bonecas e materiais didáticos trabalhados), no que tange à diversidade, investir em formações continuadas para os professores e incentivar diferentes métodos de ensino na sala de aula.

Na Educação Infantil, ensinar sobre multirracialidade e identidade racial é um trabalho que exige muita intencionalidade, e precisa ser empenhada de forma lúdica, através da literatura, musicalidade, brincadeiras e até mesmo rodas de conversa, pois é por intermédio desses, que as crianças passam a se sentir pertencentes e valorizados.

Segundo Torralba (2011), é fundamental que dentro de narrativas infantis e em representações de personagens, haja visibilidade racial, como uma forma de que crianças negras e indígenas vejam a si mesmas de maneira positiva e desenvolvam uma identidade forte.

ISSN: 2358-8829

É importante que as crianças aprendam sobre quem elas são positivamente, de modo que seja estimulado tópicos como autoestima, autoconfiança e aprendam a tratar o próximo com empatia e compreendam que apesar das diferenças, todos são iguais (Gorman, 2016).

Refletir sobre a identidade racial das crianças é entender que elas não estão resumidas somente ao tom de pele, mas também está abrangendo, raízes culturais e a maneira como são vistas e tratadas pelo meio social. Quando a criança reconhece e valoriza sua identidade desde cedo, ela passa a ser alguém confiante e com senso de pertencimento. Daí, fazendo com que elas se sintam representadas e respeitadas, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes e para a construção de um ambiente mais igualitário. Educar com esse olhar é um passo importante para a transformação de realidades, necessárias tanto à discussão quanto a inserção social segura de que cada criança precisa ser efetivamente respeitada e incluída igualitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos treze dias de intervenção, foi possível observar diferentes formas de participação das crianças. Nas atividades de contação de histórias e rodas de conversa, elas demonstraram curiosidade e interesse. As atividades lúdicas também favoreceram momentos de interação entre todas.

Após os dias de observação, as atividades foram iniciadas com um momento de contação de história, do livro “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”, utilizando como recurso visual, o “cineminha na caixa”, feito com caixa de papelão. Em seguida, foi feita uma roda de conversa, onde os alunos tiveram a oportunidade de falar o que entenderam da história, tirar dúvidas e comparar sua realidade com a dos personagens. Depois, foi realizada uma atividade em que as crianças puderam desenhar/pintar sobre o que gostam de fazer e brincar. Que segundo Torralba (2011), é fundamental que as narrativas infantis e as representações de seus personagens promovam a visibilidade racial.

Como parte das brincadeiras cotidianas, foi realizada a brincadeira africana “Terra e Mar”, apresentando às crianças sua origem e utilizando a música como recurso para orientar a dinâmica. Durante a atividade, foram utilizados animais conhecidos pelas crianças, que deveriam identificar se cada um pertencia à “terra” ou ao “mar” e, assim, realizar o movimento correspondente, tornando a brincadeira mais lúdica e significativa. Também foi realizada uma atividade de pintura, na qual as crianças coloriram os animais terrestres de marrom e os animais aquáticos de azul.

ISSN: 2358-8829

Em mais um momento de contação de história, os alunos ouviram a história “O Reino das Cores”, que abordou de maneira diferenciada e significativa sobre a diversidade das cores e como todas são importantes. Em seguida, utilizando a imaginação, as crianças criaram um cartaz coletivo com ilustrações sobre a história.

Além disso, foi realizado o Jogo da Memória, utilizando imagens de pessoas de diferentes etnias e culturas, incluindo pessoas brancas, negras, indígenas e asiáticas explicando para as crianças sobre as diferenças de cada pessoa de forma recreativa.

Relacionada à perspectiva de Hooks (2013), que defende uma educação pautada no reconhecimento da multiculturalidade e na livre expressão, compreendendo-a como uma prática verdadeiramente libertadora, as crianças também participaram de um momento de contação da história “Cabelo com Jeito Diferente”, apresentada por meio de recurso audiovisual, que abordou a valorização das diferenças, com ênfase na diversidade dos tipos e características dos cabelos.

Como proposta lúdica, foi realizada uma atividade de colagem, na qual as crianças utilizaram diferentes materiais para representar e explorar as diversas texturas e formas de cabelo, como papel crepom, macarrão, algodão e outros materiais. Ademais, foi desenvolvida a dinâmica do reflexo, na qual as crianças se posicionaram em frente ao espelho, observando seus reflexos e reconhecendo suas próprias características. Em seguida, ilustraram no papel como se percebiam, representando suas características por meio do desenho. Neste momento pudemos intensificar a valorização da identidade e engajando a diversidade, segundo Gorman (2016) o que foi perceptível pelo envolvimento e alegria das crianças.

Como última oficina, foi desenvolvida uma atividade de pintura na qual foram utilizadas tintas com diferentes tons de pele. As crianças puderam observar as opções disponíveis e escolher aquela que mais se aproximava da tonalidade de sua própria pele, promovendo um momento de interação, diversão e aprendizado, além de contribuir para o reconhecimento e a valorização da diversidade.

Cada oficina e atividade reforçaram a importância de se aprofundar na temática de relações raciais de forma contínua no âmbito escolar e na Educação Infantil, uma vez que o brincar desempenha um papel importante tanto para o desenvolvimento infantil como para a aprendizagem, expresso em formas de histórias, as músicas e as dinâmicas na construção da compreensão das crianças acerca da temática trabalhada.

As histórias selecionadas, todas elas apresentavam personagens negros; as brincadeiras foram feitas destacando às diversidades raciais e as rodas de conversa favoreceram para

ISSN: 2358-8829

momentos de expressão das crianças, que tiveram a oportunidade de compartilhar emoções, percepções e questionamentos acerca de tudo que estava sendo trabalhado (Oliveira, 2023).

Deste modo, as atividades lúdicas possibilitaram trabalhar, de maneira significativa, as diferenças de aparência, os diferentes tipos de cabelo, as cores de pele e outras características individuais, contribuindo para que as crianças compreendessem a importância de respeitar e valorizar a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção de Estágio Supervisionado I contribuiu não somente na formação acadêmica do processo formativo na Graduação em Pedagogia, mas também na compreensão, reconhecimento e valorização da identidade das crianças. As relações étnico raciais na Educação Infantil desempenham um papel importante na formação de crianças capazes de reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças do outro, presentes na sociedade.

A experiência que o Estágio Supervisionado I proporcionou a vivência e o contato com o “chão da escola” para a formação profissional, ao trazer o contato direto com a sala de aula e a prática pedagógica em si.

Durante o desenvolvimento do tema “Além da Cor: Relações Raciais na Educação Infantil”, foi possível perceber o quanto é importante abordar a diversidade e as relações raciais desde a infância através de atividades lúdicas, que, certamente contribuíram e contribuirão para despertar a curiosidade e o interesse das crianças, tornando o aprendizado mais significativo e facilitando a compreensão do tema.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.
BRASIL. Ministério de Educação e Cultura.

LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996.

FERREIRA, Elenice Silva. **Educação, Diversidade e Racismo: Repensando a Formação do/a Professor/a.** Revista Crítica Histórica, v. 2, n. 3, 2011.

FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação.** São Paulo: IBRASA, 1983.

GONZAGA, A. R. A.; BARROS, M. I. S.; SILVA, M. N. L. da; MATIAS, M. de V.; LIRA, T. S. V. **Racismo estrutural no Brasil: da herança escravocrata à consolidação do racismo estrutural.** v. 5 n. 1 (2024): Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos; Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais; Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental. Disponível em: Vista do Racismo estrutural no Brasil: da herança escravocrata à consolidação do racismo estrutural. Acesso em 10 de ago. de 2026

GORMAN, Gavin. **Promovendo e desenvolvendo a igualdade racial e antirracista na educação: uma visão geral.** [S.l.]: Forman, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES.** Poíesis Pedagógica, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542.

MUNANGA, Kabengele. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.** In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). *A cidadania em construção: uma reflexão interdisciplinar.* São Paulo: Cortez, 1994. p. 177178.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. **A importância do brincar na educação infantil.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jaraguá, Jaraguá, 2023.

VIANA, Alice; VIANA, Nildo. **A formação social da identidade pessoal.** Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Universidade Federal de Goiás (UFG), 2023. DOI: 10.37885/231215403.

SILVA, Eva Batista dos Santos. ALEXANDRE, Ivone Jesus. **EDUCAÇÃO INFANTIL: diversidade racial na creche de Cáceres-MT.** Revista Eventos Pedagógicos Desigualdade e Diversidade étnico-racial na educação infantil. Mato Grosso. v.6, n.4, p. 396-414, nov./dez. 2015.

TORRALBA, Raúl de. **Representações sociais e identidade racial na infância.** São Paulo: Editora Cortez, 2011.